

NOTITIA INTUITIVA, NOTITIA ABSTRATIVA E HABITUS NA TEORIA DO CONHECIMENTO DE GUILHERME DE OCKHAM

Laíza Rodrigues de Souza

PPGFil – Universidade Federal do RS/EPHE

Resumo: A teoria do conhecimento desenvolvida por Guilherme de Ockham no século XIV traz uma importante distinção entre dois níveis de cognição: conhecimento intuitivo e conhecimento abstrativo. O conhecimento intuitivo ou *notitia intuitiva* tem uma relação de causalidade com os objetos do mundo extramental: os objetos são a causa do conhecimento intuitivo. Este conhecimento é aquele pelo qual pode-se afirmar que algo existe ou não existe; ele desempenha um papel central na epistemologia ockhamiana porque é destacado como a base de todo o conhecimento. O conhecimento abstrativo ou *notitia abstrativa*, por sua vez, diz respeito ao conhecimento inteligível dos objetos sensíveis que prescinde da existência ou não-existência do objeto. Apesar de todo o conhecimento derivar do conhecimento intuitivo, o conhecimento abstrativo não é imediatamente formado a partir da *notitia intuitiva*. Nesse sentido, nosso objetivo nessa comunicação é mostrar como se dá a passagem do conhecimento intuitivo para o conhecimento abstrativo através da teoria do *habitus* desenvolvida por Ockham. O pano de fundo dessa discussão é a noção essencial de que as etapas envolvidas no processo cognitivo do *Venerabilis Inceptor*, isto é, tanto o conhecimento intuitivo quanto o conhecimento abstrativo são atos mentais, de modo que o ato mental neste modelo é não somente o ponto de partida das operações intelectuais como também o produto final: o conceito. Assim, apresentaremos como as noções supracitadas se articulam na teoria cognitiva ockhamista.

Palavras-chave: *Notitia intuitiva*, *notitia abstrativa*, ato mental.

Abstract: The theory of knowledge developed by Guilherme de Ockham in the 14th Century brings an important distinction between two levels of cognition: intuitive knowledge and abstract knowledge. Intuitive knowledge or *notitia intuitiva* has a causal relationship with the objects of the extramental world: objects are the cause of intuitive knowledge. This knowledge is that by which one can affirm that something exists or does not exist; it plays a central role in Ockhamian epistemology because it is highlighted as the basis of all knowledge. Abstractive knowledge, or *notitia abstrativa*, in turn, refers to the intelligible knowledge of sensitive objects that prescinds from the existence or non-existence of the object. Although all knowledge derives from intuitive knowledge, abstract knowledge is not immediately formed from *notitia intuitiva*. In this regard, our aim in this communication is to show how the passage from intuitive knowledge to abstract knowledge occurs through the *habitus* theory developed by Ockham. The background of this discussion is the essential notion that the stages involved in the cognitive process of *Venerabilis Inceptor*, that is, both intuitive knowledge and abstract knowledge are mental acts, so that the mental act in this model is not only the starting point of intellectual operations but also the final product: the concept. Thus, we will present how the aforementioned notions are articulated in Ockhamist cognitive theory.

Keywords: *Notitia intuitiva*, *notitia abstrativa*, mental act.

Podemos fazer duas questões centrais acerca de qualquer teoria dos conceitos. A primeira seria “o que são conceitos?” e a segunda “como os conceitos se relacionam com os objetos?” Segundo a teoria madura de Guilherme de Ockham, os conceitos são atos mentais que mantêm uma relação de significação natural com os seus objetos. Duas características importantes seguem-se da definição de conceito como ato mental. A primeira delas é que pensar no conceito como ato mental significa que ele pode ser reduzido a um estado mental então, em último caso, um conceito é um estado mental. A segunda é na teoria dos conceitos como atos mentais o processo de formação dos conceitos se dá através de uma sucessão (encadeamento causal) de atos ou estados mentais. Assim, nosso objetivo principal nesse artigo é explicar o processo de cognição dos conceitos e sua relação com os objetos e explorar alguns pressupostos filosóficos que estão envolvidos nessa teoria. Quando pensamos em conceitos como atos mentais devemos considerar primeiramente como o objeto singular é representado na mente e, a seguir, qual meio possibilita que este objeto seja representado na mente como um conceito geral/universal. Para Ockham, o conceito universal é um estado mental que não se refere a nenhuma entidade universal existente na realidade. A interpretação mais comum é a de que haja uma referência direta entre as representações mentais e os objetos singulares. Essa interpretação é endossada principalmente pela noção de que conceito mantém uma relação de significação natural com os objetos que significa, isto é, ele é um signo mental dos objetos que representa e é causalmente determinado por eles. Tendo em mente a possibilidade de uma referência direta que veremos a teoria cognitiva do *Venerabilis Inceptor*.

Formação dos conceitos

O processo cognitivo de formação conceitos em Ockham, tem o objeto singular como ponto de partida. O objeto singular é a causa de intuições sensíveis que, por sua vez, dão origem a notícias intuitivas (*notitia intuitiva*) acerca do objeto percebido. A notícia intuitiva é um ato apreensivo que carrega fatos contingentes sobre o objeto percebido e serve como base para julgamentos existenciais sobre ele. Quando o julgamento é sobre a existência ou não-existência atual do objeto, esse julgamento pode ser evidente, se a realidade descrita (pelo julgamento ou sentença) é a mesma que a reportada no momento do ato apreensivo. Assim, a principal característica da *notitia intuitiva* é que ela nos permite emitir julgamentos evidentes acerca da atual existência ou não existência do objeto.

Desde o ato perceptivo inicial, cada momento do processo cognitivo é descrito como um ato mental. De modo que a formação dos conceitos se dá através de um complexo encadeamento causal de atos cognitivos. O conhecimento conceitual ou conhecimento habitual, não diz respeito somente ao conhecimento atual dos singulares, mas o conhecimento habitual é aquele que pode ser relembado e envolve, conseqüentemente, hábitos cognitivos. Entretanto, na teoria ockhamista os atos de cognição intuitivos não produzem hábitos. Logo, não existe algo como um hábito intuitivo. E aqui temos um aparente impasse na teoria epistemológica, pois o conhecimento abstrativo é sempre precedido pela cognição intuitiva. De modo que é preciso explicar como se dá a passagem do conhecimento intuitivo para o conhecimento abstrativo. Um primeiro caminho possível para entender essa passagem é atentando à formação do hábito.

Os hábitos são causados por atos cognitivos e toda a explicação da formação dos hábitos está intimamente conectada com o conceito tradicional de causalidade. O hábito causado por um ato cognitivo é capaz de produzir atos semelhantes (porém numericamente distintos) àquele que o causou¹. E por isso o hábito é uma disposição para reproduzir atos com o mesmo conteúdo do ato original.²

Os hábitos são diferenciados de acordo com os atos que os produzem. Já os atos, por sua vez, são classificados de acordo com a natureza dos objetos aos quais se referem. Existe, portanto, uma relação causal entre os objetos, atos e hábitos. O hábito também tem o mesmo conteúdo do ato apreendido, mas carrega consigo a disposição para produzir atos semelhantes a si mesmo e, adicionalmente, tem a capacidade de ser relembado. Para assegurar a possibilidade de comparação e comunicação dos pensamentos, os hábitos e atos relacionados ao mesmo objeto são similares na mente humana. Em outras palavras, um ato cognitivo intuitivo é causado por um determinado tipo de objeto em cada mente humana e, por sua vez, produzirá hábitos semelhantes a si mesmo. Um hábito é fortalecido quando ele forma atos cognitivos semelhantes a ele e estes atos formam novos hábitos e assim sucessivamente. Este processo pode se dar ou pela exposição do indivíduo ao objeto que ocasionou o ato intuitivo original, ou pela rememoração do hábito.

¹ Quantum ad secundum articulum clico quod actus est causa efficiens respectu habitus, quod probatur: quia illud ad cuius esse ponitur aliud debet esse causa nisi evicenter appareat quod sit neganda causalitas. Sed posito actu frequenter elicitio, ponitur habitus, et non potest poni naturaliter sine actu; et non apparet causa quare activitas debet negari ab actu. Ergo est causa effectiva actus. - *Rep.* III, III D.

² *Quodl.* I, q. 18 (OTh 9: 94): "Praeterea actus elicitus est qualitas absoluta; igitur habitus. Consequentia patet, quia habitus est causa actus."

Assim, do mesmo modo como podemos observar empiricamente com alguém que esteja adquirindo uma nova habilidade, um hábito que é reforçado/ativado se consolida, enquanto um hábito pouco exercitado tende a desaparecer.

Uma das premissas básicas do sistema de Ockham é que a cognição abstrativa pressupõe sempre atos de cognição intuitiva³. Entretanto, na sua explicação da formação dos hábitos não há uma relação causal direta entre atos intuitivos de cognição e os hábitos. Que o conhecimento intuitivo produza hábitos do conhecimento abstrativo seria uma explicação que não exigiria nenhum fator intermediário entre a intuição perceptiva e a formação dos hábitos da cognição abstrativa. Mas, a característica mais distintiva da teoria dos hábitos é a causalidade de mão dupla existente entre atos e hábitos. Para manter a coerência da cognição intuitiva e da teoria do hábito, Ockham precisa abrir mão ou da causalidade como fator determinante da formação do hábito, ou do conhecimento intuitivo como origem do conhecimento habitual. A solução para este dilema está provavelmente na consideração da cognição abstrativa.

Ockham distingue dois sentidos do termo abstração cognitiva. No primeiro sentido, abstração cognitiva refere-se a algo abstraído de vários singulares; portanto, nesse sentido, abstração cognitiva é a cognição de um universal extraído de vários particulares. No entanto, contra essa posição, ele argumenta que, se o universal é uma qualidade existente na mente, ele pode ser intuitivamente conhecido, de modo que o mesmo conhecimento desse universal seja intuitivo e abstrato. Assim, não haveria contraste entre cognição intuitiva e abstrata. A abstração defendida por Ockham não é a abstração da singularidade ou características individuais de uma coisa como a abstração é geralmente concebida. Pelo contrário, é um conhecimento abstrato cujo objeto é uma coisa singular. Em um segundo sentido, a cognição abstrata é dita em oposição à cognição intuitiva, isto é, o conhecimento abstrato é aquele que abstrai a existência e a não-existência, bem como todas as outras condições que pertencem ou são predicadas de algo.⁴ Portanto, a cognição abstrativa não permite ao intelecto julgar a existência ou a não existência do objeto.⁵ É um conhecimento não-existencial que dispensa a existência ou a inexistência de coisas, bem como as qualidades acidentais inerentes ao objeto. Conhecer algo abstratamente é conhecê-lo sem precisar se ele existe ou não. O conhecimento

³ *Secundo dico quod cognitio simplex própria singularis et prima tali primitate est cognitio intuitiva. Quod autem illa sit prima patet quia cognitio singulates abstractiva paesupponit intuitivam respectum eiusdem objecti, et non encontra. – Quodl. I, 18. – Cf. Ord. Prof. I, Z.*

⁴ Cf. Ord. Prol, Q. i, N. P. 25-26

⁵ *Ibid.*

abstrato   um fen meno psicológico reconhecido como um tipo de cogni o que torna as coisas conhecidas para nós como objetos do conhecimento, mas não nos permite afirmar se eles existem ou não, porque não carrega consigo fatos contingentes sobre o objeto conhecido como no caso do ato cognitivo intuitivo. Portanto, através da cogni o abstrativa, nenhuma verdade contingente, pelo menos nenhuma relacionada ao presente, pode ser evidentemente conhecida.

O objeto conhecido pela intui o perceptiva   o objeto singular considerado como um todo existente na realidade aqui e agora. Não se trata de um objeto abstrato ou de uma realidade composta de essência e existência. O objeto da cogni o abstrativa   o mesmo da senso-cogni o⁶ pois os objetos materiais percebidos pelos sentidos também podem ser percebidos pelo intelecto no estado presente, uma vez que a abstra o não pressupõe a composi o de essência e existência nem separa o da essência e composi o material do objeto. ⁷ Não existe no objeto singular nenhum aspecto ou realidade imaterial que possa ser meio entre a apreensão intuitiva e o conhecimento habitual. Os hábitos são responsáveis por essa media o. Entretanto, uma vez que os atos intuitivos não produzem hábitos, Ockham postula a *prima abstrativa* como meio entre os dois tipos de conhecimentos.

A *prima abstrativa* ocorre simultaneamente com o ato cognitivo intuitivo. E este ato abstrativo inicial   capaz de produzir hábitos abstrativos. O ato intuitivo concorre como causa parcial da *prima abstrativa* que   postulada como um fator teórico necessário para a explica o da liga o causal entre cogni o intuitiva⁸ e a cogni o habitual. Depois do primeiro ato abstrativo o

⁶ Si dicitur quod intellectus abstrahit a mat ria et a conditionibus materialibus, dico quod illa abstractio non este intelligenda ex parte objecti in omni intellectione; quia dico... quod idem totaliter et sub eadem ratione ex parte objecti ets primum obiectum sensus exterioris et intellectus primitate generationis, et hoc pro statu isto. Et ita obiectum intellectus in illa prima intellectione non est magis abstractum quam obiectum sensus. – Ord. Prol. I, TT.

⁷ Secundum patet, quia idem totaliter et sub eadem rationem a parte obiecti intuitivae et abstractivae. Hoc patet, quia nulla res est, saltem i istis inferioribus, nec aliqua ratio sibi pr pria sub qua potest res intuitive cognosci quin illa conita ab intellectu possit intellectus dubitate utrum sit vel non sit, et per consequens quin possit cognosci abstractivae. Igitur omne idem et sub eadem ratione quod est obiectum intuitivae notitiae potest esse obiectum abstractivae manifestum est quod quidquid reale potest cognosci abstractivae, potest etiam cognosci intuitive; igitur etc. -Ord. Prol. I, 37.

⁸ O ato intuitivo   causa parcial, pois as causas do ato intuitivo também concorrem na forma o da prima abstrativa, como o corpo, os sentidos, o objeto e o intelecto.

Circa notitiam primam abstractivam, quae simul stat cum intuitive, est advertendum quod illa notitia causetur ab intuitiva notitia et intellecto et corpore, quodcumque sit illud, tamquam a causis partialibus, et non ab objeto, cet contrarium prius dicatur. Cuius ratio est quia stante cognitione intuitiva et objeto toto corrupto adhuc stat illa abstractiva. Ergo non requiritur obiectum necessário ad eius causationem. – Rep. II, 16, GG.

hábito é possível e, uma vez formado o hábito, o ato intuitivo deixa de ser necessário. Embora nem todo ato intuitivo seja suficiente para estabelecer um hábito, aquele que causa o primeiro hábito é a *prima abstractiva*.

No sistema *Venerabilis Inceptor* os hábitos estão presentes tanto na senso-cognição quanto na cognição intelectual. O conhecimento abstrativo habitual abre caminho para a discussão acerca da memória. Na psicologia cognitiva de Ockham a memória é um processo complexo composto de três momentos. O primeiro deles é a retenção, na qual as nossas experiências deixam um traço psicológico que possibilita a recordação futura. Segundo, o reconhecimento (*recognition*), que se trata da habilidade de lembrar ou reconhecer características individuais dos objetos ou pessoas que conhecemos. Terceiro, relembrar, que diz respeito a habilidade de lembrar de alguma experiência como pertencendo ao passado.

Na base da retenção está a formação do hábito: aquele traço deixado pelas experiências do passado pelas quais elas podem ser lembradas. O traço sempre é um traço de alguma coisa e tem um significado que direciona a mente para algo que ele representa ou significa. Uma vez que o hábito veicula o conteúdo do objeto, o ato inicial de cognição significa o objeto conhecido e o ato relembrado significa o mesmo objeto.

Nenhum ato abstrativo ou conceito simples é isoladamente capaz de significar ou representar um objeto singular individual. Os conceitos da cognição abstrativa são gerais e, portanto, não são próprios a um único objeto. Eles representam igualmente todos os individuais semelhantes entre si. O conceito sempre se inicia a partir da ideia mais geral. Para chegar à definição de homem, por exemplo: originalmente tenho um ato cognitivo da senso-cognição seguido por um ato intuitivo da cognição intelectual. O conceito geral formado é que o homem é algo, um ser. Dessa percepção de um ser humano resulta o conceito geral comum a todos os homens. Se após isso eu observo outros animais, em minha mente se forma um conceito comum a todos os animais, incluindo o animal racional. Em seguida o intelecto compara as duas noções em relação ao homem. Imediatamente o intelecto forma a proposição de que ‘o ser humano é animal e racional’⁹. Esse processo de formação de

⁹ Sed iste est processus: quod primo homo cognoscitur aliquo sensu particulari, deinde homo cognoscitur ab intellectu. Quo cõgnito, habetur notitia generalis et communis omni homini... Quo (conceptu) existente in intellectu, statim intellectus scit quod homo est aliquo sine discursu. Deinde apprehenso aliquo animali, alio ab homine, vel aliis animalibus aliciter una notitia generalis, es ista notitia generalis est communis omni animali... Quo existente in anima potest intellectus componere istum conceptum eum conceptum priori. Quibus compositis ad invicem, mediante hoc verbo *est*, statim intellectus assenti illi complexo sine omni silogismo. – Sum. Log. Lb.

conceitos é um processo natural da integralização de hábitos que é performedo pelo intelecto.

Para representar um objeto individual singular é necessário que se aglomerem vários conceitos simples. Esse conceito unificado é chamado de conceito próprio e é a base de reconhecimento das coisas ou pessoas que conhecemos previamente. Por exemplo: eu me lembro de Sócrates porque minha lembrança dele traz consigo a memória do seu tamanho, cor, forma e o ambiente em que o conheci.

Recordação

A recordação está fundamentada na percepção que provê evidência concernente à existência ou não existência (dos objetos). Quando a evidência de existência ou não existência é acerca do passado é chamada cognição intuitiva imperfeita.¹⁰ Nesse caso a cognição intuitiva se assemelha à cognição abstrativa porque ambas não requerem a presença do objeto. A retenção das experiências passadas, mesmo aquelas que contém uma referência temporal também são originadas a partir da *notitia intuitiva*.

A recordação tem início com um ato reflexivo que reflete acerca da *prima abstrativa*, formada a partir e simultaneamente à cognição intuitiva perfeita. A *prima abstrativa* tem além do conteúdo da cognição intuitiva perfeita alguns hábitos elementares (dentre eles a referência temporal de que aquela experiência original ocorreu no momento presente). O ato reflexivo é um ato complexo e composto (da *prima abstractiva* e da referência temporal) que reflete e julga com evidência que aquela experiência ocorre no tempo presente. Este ato reflexivo gera um hábito que quando retido e relembado, terá o conteúdo do ato reflexivo que o originou e será conhecido através da cognição intuitiva imperfeita, isto é, a cognição intuitiva daquela experiência como sendo uma experiência ocorrida no tempo passado. O ato reflexivo complexo que julga afirmando que a coisa aconteceu no momento presente gera um hábito complexo que quando relembado dará origem a um hábito afirmando que a coisa aconteceu no passado.

Conclusão

Nesse trabalho nos esforçamos para mostrar o lugar dos hábitos na teoria cognitiva de Ockham. A revisão da doutrina do conhecimento intuitivo e do conhecimento abstrato, comumente usada para explicar a formação de conceitos e sua identificação com atos intelectuais, às vezes deixa de enfatizar a

¹⁰ Cognitio autem intuitiva imperfecta est illa per quam iudicamus res aliquando fuisse vel non fuisse. Et haec dicitur cognitio recordativa; ut quando video aliquam rem intuitive generatur habitus inclinans ad cognitionem abstractivam, mediante qua iudico et assentio quod talis res aliquando fuit quia aliquando vivi eam. – Rep. II. Quaes. 12-13.

relevância dos hábitos no processo cognitivo. Os hábitos estão presentes em todos os níveis da cognição, desde o nível sensorial até o conhecimento abstrato realizado pelo intelecto. Assim, o hábito tem relevância não apenas no processo de formação conceitual, mas principalmente em um momento posterior de armazenamento e lembrança do conhecimento já consolidado. Tanto o conhecimento que queremos adquirir ou formar como o conhecimento que queremos manter envolvem hábitos mentais. Um *habitus* é algo adquirido que dispõe o intelecto a uma ação inteiramente semelhante àquelas para as quais o hábito foi adquirido. É por isso que se diz que o conhecimento ou a ciência é um *habitus*, porque é mais difícil de remover do que muitas qualidades e pode ser adquirido por transações sucessivas de um estado para outro. O hábito da *scientia* está associado ao ato. Isso se explica da seguinte maneira. A alma racional muda do estado de ignorância para o estado de compreensão. É uma passagem, uma mudança. Toda mudança precisa de um lugar, e o lugar onde essa passagem ocorre é a alma. Essa mudança consiste na aquisição de qualquer coisa pela alma: uma vontade ou uma intelecção, mas uma qualidade é adquirida de qualquer maneira. A ciência adquirida no processo de transição da ignorância para a compreensão é uma qualidade na alma. Isso não é uma produção, mas uma aquisição e isso não é explicado. Tanto a ignorância quanto a compreensão são dois estados cognitivos. A teoria da *scientia* é então uma teoria sobre os estados cognitivos do sujeito conhecedor, sua aquisição e sua relação com o mundo. *Scientia* é algo que corresponde a um estado cognitivo do sujeito conhecedor e esses estados cognitivos são os próprios atos cognitivos. Por meio desses atos, a alma adquire um poder que não possuía antes; esse poder é um *habitus* que inclina a alma a produzir ações inteiramente semelhantes àquelas pelas quais esse *habitus* foi adquirido. Existe a posse deste poder, isto é, deste hábito que significa a posse de uma ciência.

Nós articulamos as noções de conhecimento intuitivo, conhecimento abstrativo e hábito no processo de cognição dos conceitos. A característica mais fundamental que perpassa esses três elementos é a causalidade presente na formação da notícia intuitiva, da notícia abstrativa e do hábito. A causalidade é direcionada do objeto singular até o ato cognitivo conceitual. Quando o caminho oposto é feito, isto é, quando o ato conceitual diz respeito ao objeto singular, estamos falando em intencionalidade. A intencionalidade como aspecto distintivo da teoria dos atos mentais em Ockham nos leva a uma interpretação externalista, segundo a qual o conteúdo de nossos estados mentais é parcialmente causado pelo mundo exterior. A ênfase do conhecimento intuitivo como fonte de todo conhecimento científico

certamente contribui para esta interpretação, uma vez que o objeto singular é a causa dos atos de cognição intuitiva. Mesmo o conhecimento habitual, aquele pode ser rememorado, só pode ser um conhecimento evidente acerca do passado porque essa indexação temporal foi apreendida juntamente com outros fatos contingentes acerca do objeto por ocasião da percepção intuitiva que é descrita essencialmente em termos de causalidade.

Epistemologia e metafísica andam juntas no pensamento de Ockham. Uma de suas maiores preocupações ontológicas é a não reprodução de entidades desnecessárias. Como pudemos ver no processo cognitivo acima descrito, a única entidade a qual é recorrida nessa teoria cognitiva além dos atos mentais é ao hábito como um dispositivo capaz de armazenar e reproduzir o conteúdo do ato que o causou. E pelo fato de o hábito ser uma qualidade singular presente na mente, ele não configura compromisso ontológico com uma entidade metafísica além do objeto singular, do intelecto e dos atos cognitivos para explicar o processo de universalização dos conceitos na mente.

Referências

- OCKHAM, W. *Quodlibeta Septem* [abbr. : *Quodl.*], 1. C. Wey ed., OTh IX, 1980 (Engl. transl. in Freddoso and Kelley 1991, and Freddoso 1991).
- _____. *Ordinatio*. Scriptum in Librum Irimum Sententiarum [abbr. : Ord.], G. Gal et al, eds., OTh 1- IV, 1967-1979.
- _____. *Reportatio*. Quaestiones in Libros II, III, IV Sententiarum [abbr. : Rep.], G. Gal et ai. eds., OTh V-VII, 1981-1984.
- _____. *Summa Logicae* [abbr. : SL], Boehner, G. Gal and S. Brown eds, OPh I, 1974 (partial Engl. transl. in Loux 1974, and Freddoso atld Schuurman 1980).
- transl. in Loux 1974, and Freddoso atld Schuurman 1980).
- FUSHC, O. *The psychology of Habit According to William Ockham*. New York: The Franciscan Institute, 1952
- PICHÉ, D. Introduction in : Guillaume d'Ockham. *Intuitio et abstraction*, Vrin, 2005
- PANACCIO, C. *Ockham on Concepts*. (Ashgate Studies in Medieval Philosophy)-Ashgate Pub Ltd, 2004